

HISTÓRIA, CIDADE E DISTOPIA: A ficção científica ridícula de *Não Verás País Nenhum*.

Luis Filipe Brandão de Souza

Graduado em história pela UFPI.
Mestrando em História do Brasil no
PPGHB da UFPI.

RESUMO

Este artigo propõe o estudo entre história, cidade e distopia, através da narrativa presente no livro “Não verás país nenhum”, de Ignácio de Loyola Brandão. É enquanto documento crítico do Brasil, produto da modernidade e evidencia da percepção crítica e histórica da sociedade que produz e consome uma narrativa de futuro pessimista. Neste estudo discutiremos a cidade como palco da distopia apresentada por Loyola, e símbolo dentro de uma tradição de crítica da modernidade na literatura de ficção.

PALAVRAS-CHAVE: História. Cidade. distopia.

ABSTRACT

This paper proposes the study about History, Literature and dystopia, through the present narrative in the book “Não verás país nenhum”, from Ignácio de Loyola Brandão. It's while critic document from Brazil, product of modernity and highlights of critic and historic perception of society that produces and consumes a narrative of pessimist future. In this study we discuss the city as a stage of dystopia presented by Loyola, and symbol within a tradition of critique of modernity in fiction literature.

Key words: History, city and dystopia

Neste trabalho o objeto de estudo é uma obra de ficção, especialmente uma obra do gênero ficção científica, que une a imaginação fantástica a ideia de modernidade. “Não verás país nenhum” é uma narrativa de futuro pessimista, onde Ignácio de Loyola Brandão conta a trajetória de Souza através de um Brasil sem árvores e uma São Paulo sitiada pela própria estrutura política.

Ignácio de Loyola Brandão é escritor, jornalista e crítico de cinema, nascido em 31 de julho de 1936, já publicou 32 livros, dentre os mais conhecidos: *Zero*¹ e *Não verás país nenhum*², romances pessimistas sobre o Brasil. O autor possui reconhecimento internacional com diversas traduções, tendo recebido prêmio, ensaios e trabalhos científicos sobre sua obra na área de letras³.

Publicado originalmente em 1982, *Não verás* é um livro ímpar, seu título faz uma referência ao poema *A Pátria*⁴ de Olavo Bilac:

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste! Criança!
Não verás nenhum país como este!
Olha que céu! que mar! que rios! que floresta!
A Natureza, aqui, perpetuamente em festa,
É um seio de mãe a transbordar carinhos.
Vê que vida há no chão! vê que vida há nos ninhos,
Que se balançam no ar, entre os ramos inquietos!
Vê que luz, que calor, que multidão de insetos!
Vê que grande extensão de matas, onde impera
Fecunda e luminosa, a eterna primavera!
Boa terra! jamais negou a quem trabalha
O pão que mata a fome, o teto que agasalha...
Quem com seu suor a fecunda e umedece,
Vê pago⁵ o sue esforço, e é feliz, e enriquece!
Criança! não verás país nenhum como este:
Imita na grandeza a terra em que nasceste!
(BILAC, 1929)

O poema de Bilac exalta as características naturais do Brasil em tom de celebração, o discurso aponta como a voz de uma personagem que mostra a uma criança que ela deve amar “com fé e orgulho” o Brasil e exalta “Criança! Não verás nenhum país como este” acentuando em tom solene as riquezas naturais do Brasil. Brandão coloca o verso de exaltação de Bilac como título de uma obra que ironiza o Brasil, como país de infinitas riquezas, mas que o acentua como lugar particular. Tomando sua narrativa em um caminho inverso ao do poeta parnasiano, o escritor paulista expõe o texto como “Memorial descritivo”, sugerindo que o que será contado a seguir serão memórias.

“y ilega no yo aqui a este
Cabo vinoel olor tanbueno y
suave de flores ó árboles de
La tierra, que era la cosa
mássulcedel mundo.”

Colombo, 1503, Diante do
cabo Hermoso

O inexplicável horror De
saber que Esta vida é
verdadeira

Fernando Pessoa Em *O
horror de conhecer*

América arvoredo sarça
selvagem entre os mares
depólo a pólo balançava,
tesouro verde, a tua mata.

Pablo Neruda Em *Canto
geral*

Respirar terra É não querer
Saber de limites.

Clara Angélica. Poeta
alternativa do Recife, em
Cara no mundo

(BRANDÃO, 1982)⁶

A primeira epigrafe de *Não verás país nenhum* é uma soma de textos a respeito da natureza, o de Colombo exalta a beleza e a estranheza da terra recém descoberta, e dos sentimentos do homem na vida como no angustiado texto de Pessoa. Os trechos são de épocas e territorialidades diferentes, inseridas como reflexões sobre o mundo em que o livro que se inicia foi lançado, revelando tensão sobre o exercício de viver e pensar. A natureza aparece como elemento chave nos trechos citados, e o mal estar como vetor fundamental dessa obra.

A segunda epigrafe, está já parte do universo da narrativa, é a representação de uma determinação da realeza portuguesa a cerca da exploração de madeira nas terras brasileiras, exploração sem nenhuma forma de manejo ou responsabilidade. Cabe como forma de demonstrar que existe uma explicação histórica para o caos que em que segue o futuro, além de atentar para a questão da responsabilidade ambiental, denunciando através de um “documento” como a falta de responsabilidade e cuidado são determinantes. O livro se anuncia como um *memorial descritivo*, e assim inicia sua narrativa.

As primeiras páginas são descritivas, detalha de forma minuciosa as características desagradáveis do Brasil em que vivem Souza, o protagonista, e Adelaide, sua esposa. O cheiro é a primeira denúncia do enredo: “mefítico”, “cheiro de morte” causado pelo acúmulo de lixo e cadáveres ao redor de São Paulo, cidade na qual se passa a trama. Além do cheiro o calor sufocante, “condensa uma atmosfera pestilencial” piorada pela presença de formóis, o “Esquema”, regime estatal vigente, não consegue solucionar e tenta mascarar com ventiladores.

Souza é casado com Adelaide a trinta e dois anos e vivem em um casamento dominado pela rotina. Ela é dona de casa, muito religiosa e não gosta de mudanças. Ele trabalha em um escritório do governo no qual sua função é conferir listas de números, está nesse emprego porque

foi aposentado compulsoriamente do cargo de professor universitário, acusado pelo “Esquema” incitar os alunos a questionarem.

[...] Para cada homem em circulação existe um Civiltar ao seu lado. Eles andam, girando a cabeça para todos os lados e se assemelham a robôs. O treinamento intensivo desperta neles, compulsivo, o faro, o instinto. Não sei como, enxergam tudo. Verdade. Parece que são treinados pelos mesmos métodos com que se ensinavam os antigos cães pastores, na policia militar. Ficam condicionados que são uma beleza, na eficiência. Por menos que se goste deles, é preciso reconhecer: evitam catástrofes nesta cidade. Pior sem eles. (BRANDÃO, 1982, P. 19).

A cidade é dividida em zonas de circulação entre os distritos, cujo acesso a é feito através de fichas, não existe mais carros de passeio, pois o trânsito entrou em colapso e todos os carros ficaram paralisados. As bocas de distrito são muito vigiadas tanto por “Civiltares” como por fiscais, e fiscais dos fiscais. A maioria das pessoas se desloca de bicicleta, Souza tem passe para o ônibus, conseguido graças à corrupção na burocracia do “Esquema” e a uma artrose no joelho.

Além de Adelaide e Souza, o sobrinho dela, Dominginhos, também tem papel importante na narrativa, ele é Capitão do Novo Exército, um “Militecno”, na prática são quem governa o país. O sobrinho, como Souza o chama, é uma figura obscura com quem o protagonista sempre discorda, mas de quem aceita receber fichas extras de água e alimento. No seguir da narrativa será responsável pelo desaparecimento de Adelaide e a invasão do apartamento de Souza. A geografia do Brasil em que se passa à narrativa sofreu uma série de mudanças desde os “Abertos oitenta”, época em que as grandes mudanças políticas começaram a acontecer, uma série de acordos e concessões fizeram com que grandes áreas deixassem de pertencer ao Brasil.

Ao escolher uma obra que se encaixa no gênero ficção científica, mas especificamente o subgênero distopia, exige abordar o conceito, como e quando chamar um texto de distopia. A ideia de distopia está necessariamente ligada a de utopia, o termo utopia cunhado por Thomas More⁷, significa, de forma literal não lugar, ou um lugar que não existe. A obra *Utopia* descreve “Sobre a melhor constituição de uma república e a nova ilha de Utopia”⁸ é um relato sobre uma sociedade idealizada que se tornou referência ao idealismo social, utopia passou a designar as projeções esperançosas, ou os objetivos de melhorias de condição de vida, um final feliz, e mesmo de caminho para uma idade do ouro.

A distopia é necessariamente uma referência a uma utopia, a qual ela desmistifica, questiona, e se opõe ao discurso utópico. Na literatura a narrativa distópica possui exemplos

anteriores e posteriores a *Não verás país nenhum*, como *Zero* do próprio Ignácio de Loyola Brandão, e as obras *Brave new World*⁹ de Aldous Huxley, *Revolução dos bichos*¹⁰ e *1984*¹¹ de George Orwell, *Fahrenheit 451*¹², anteriores, e *O país das últimas coisas*¹³ de Paul Auster e *A estrada* de Cormac McCarthy posteriores. Essas obras têm em comum a construção de narrativas pessimistas com o futuro da humanidade, seja pelo uso descuidado da tecnologia, pelo medo de guerras finais, ou uma crise ambiental. Normalmente esses livros constroem narrativas de futuro, projetam seus pessimismos e os desenvolvem, exagerando-os.

A relação de entre o poema *A Pátria*, de Olavo Bilac, e o título do livro de Brandão é de antítese, o otimismo do poema contrasta com o enredo do livro, revelando a relação irônica entre as propostas. A distopia enquanto antítese da utopia, um relato sobre um lugar que não existe, não lugar, no qual a uma projeção idealizada da sociedade ou de um tempo, como em uma idade do ouro. A distopia ironiza e ridiculariza as utopias, normalmente utilizando-se de discursos de progresso para compor a decadência, que em *Não Verás país nenhum*, está representado em diversas passagens, como na apresentação da *Nona maravilha*, deserto no qual se transformou a floresta amazônica após extensiva exploração, onde o *Esquema* enfatiza o deserto como algo bom, como forma de mascarar o absurdo que é o fim da maior floresta tropical do planeta.

Uma tarde, célebre, ele declarou na televisão: "Devemos estar orgulhosos pela conquista que acabamos de fazer. Um grande feito deste governo que pensa no futuro. Porque, disse ele, a história vai nos registrar como o Esquema que deu ao país uma das grandes maravilhas do mundo. Não é apenas a África que pode se orgulhar do seu Saara, o deserto que foi mostrado em filmes, se tornou ponto turístico, atração, palco de aventuras, celebrado, glorificado.

A partir de hoje — e ele sorriu, embevecido — contamos também com um deserto maravilhoso, centenas de vezes maior que o Saara, mais belo. Magnífico. Estamos comunicando ao mundo a nona maravilha. Breve, a imprensa mostrará as planícies amarelas, dunas, o curioso leito seco dos rios."

Os filmes da Agência Oficial mostraram, gradualmente, a desertificação, com as imagens mais sofisticadas que o povo tinha visto. Empresas de publicidade promoveram campanhas, induzindo revistas requintadas a realizar caravanas. Os ricos se divertiram, fantasiados de árabes.

A Primeira Dama recebeu, em tendas de seda fincadas na areia, iluminadas por fogueiras e archotes. Ventiladores agitavam palmeiras artificiais. Os decoradores assistiram a centenas de filmes

Hollywoodianos de mil e uma noites, para se inspirarem e produzirem os incomparáveis cenários. (BRANDÃO, 1982, P.56).

No trecho o *Esquema* usa sua estrutura de propaganda para perverter o senso dos indivíduos, e o autor usa esse tipo de ferramenta como elemento de ironia, exagerando

intencionalmente, provocando o absurdo, e mostrando como os instrumentos de informação e controle são ridículos, no entanto a descrição de Souza é monótona, quase indiferente.

Na distopia, o lugar ou tempo onde é projetada a sociedade, em um tempo específico no caso das narrativas de futuro. *Não verás país nenhum* e de *1984*¹⁴, obra celebre de George Orwell¹⁵, a distopia é projetada no futuro, onde os elementos da sociedade entram em decadência devido ao acúmulo de erros, tornando o futuro decadente uma consequência de atos passados, demonstrando seu caráter alarmista. É necessário salientar que as distopias são produtos da modernidade, da relação dialética entre desenvolvimento e decadência, progresso e desconstrução, próprias da época moderna, como salienta Marshal Berman em *Tudo que é sólido desmancha no ar*, na qual a modernidade é constituída nessa relação ambígua:

Existe um tipo de experiência vital — experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida — que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como “modernidade”. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”¹⁶.

(BERMAN, 1986, P15)

Esse tipo específico de produto da modernidade que é a narrativa de *Não verás*, uma distopia, um texto em que o pessimismo de uma época é projetado e aumentado, exagerado até ficar próximo ao inverossímil, mas uma vez que está sedimentado sobre o sentimento de uma época, na qual o produto, o livro foi elaborado pelo seu escritor, e entregue a sociedade, a obra assusta, pois constrói seu universo em medos presentes no imaginário dos seus consumidores, as distopias estão necessariamente ligadas ao presente em que são realizadas e consumidas.

Não verás país nenhum é construído com base em uma narrativa pessimista, Brandão preparou o livro da forma em que fosse mais chocante possível ao leitor, e assim elaborou da estrutura rígida de parágrafos com cinco linhas pensando na experiência do leitor, a composição da cidade super-populosa, poluída e extremamente vigiada, sufocante que foi pensada para chocar, bem como das divagações de Souza, suas questões e principalmente suas confissões de culpa por omissão.

O livro se enquadra na idéia de distopia, ou seja, uma narrativa pessimista, que constrói um universo crítico. No caso de *Não verás* o pessimismo é construído a partir de alguns elementos marcantes na narrativa, são a cidade, a natureza, a política e o homem, esse último personificado na imagem de Souza.

A cidade é o espaço onde se desenvolvem os eventos de *Não verás*, a imagem da cidade super-populosa, mal planejada, repetitiva e agressiva, fétida e insalubre. A cidade de “*Não verás*: é uma prisão física e moral, é um estado de ânimo, ou melhor, de desânimo” como nos fala Salles em *A planta da cidade: uma leitura genética de Não verás país nenhum*¹⁷. A primeira impressão que temos é do cheiro, *mefítico*. *O fedor vem dos cadáveres*¹⁸, logo em seguida vem o calor *o mormaço rescalda a cidade, infla a gente*¹⁹. A cidade onde se passam os eventos é São Paulo, sitiada, com circulação controlada por bocas de distritos, carros de passeio não existem mais, pois os engarrafamentos travaram:

-os carros ficaram parados dois anos em frente à minha casa....
 -quase fiquei louco, Souza, naquela noite. Queria matar, pegar alguém. Como buzinavam, aceleravam. Podia ver o ar preto de fumaça. A maioria esgotou a gasolina e o álcool do tanque. Ninguém desligava o motor. Pela manhã, as pessoas continuavam dentro dos carros. Como se pertencessem a ele. Cambio, volante, freio, condutor. Esperavam, não sei o quê.
 -na minha rua teve gente que não acreditou no noticiário, tirou o carro da garagem, pela manhã, e foi embora. Voltou a pé.
 - teve motorista que ficou uma semana, duas, sem abandonar o carro. De vez em quando batiam, pedindo para ir ao banheiro. Recusei, para todos. O que estavam pensando? Que fossem para suas casas. As famílias traziam mudas de roupas, café, comida. E o desespero quando souberam que não circulariam mais? Choravam diante do automóvel, inconsoláveis, lamentando como se fosse parente morto. Mulheres desmaiavam histéricas.²⁰
 (BRANDÃO, 1982. P11)

No diálogo percebemos como Loyola usa o sentimento que as pessoas possuem com seus carros, e a própria idéia passada pelos veículos de propaganda, transformando os carros em objeto de desejo, mistificando a posse do carro como algo fundamental para o sucesso pessoal, para construir uma situação dramática, a do abandono do bem, que como o citado no texto *como se fosse um parente morto*. Então em *Não Verás* uma das primeiras idéias que recebemos é de que os carros não circulam mais. A maioria das pessoas se desloca a pé ou de bicicleta, o que não diminui a confusão de se deslocar em uma cidade superlotada. Souza possui artrose no joelho e por isso usa ônibus, com uma ficha de circulação obtida através de corrupção.

Na rua, as bicicletas se amontoam. O antigo barulho dos motores foi substituído pelo ruído seco das correntes girando nas rodas dentadas.

Milhares de correntes. As buzinas deram lugar a campainhas, assobios, apitos agudos. Xinga-se muito, como nos melhores tempos dos automóveis. A ausência de veículos não diminuiu a aglomeração, o congestionamento, as confusões. Os ciclistas invadem as faixas de ônibus sobem nas calçadas, atropelam, muitos se equilibram no meio fio. Quem fica no meio da multidão sofre. Empurrões, apertos, batidas, pontapés, insultos e bolinações.²¹

(BRANDÃO, 1982. P 12)

A cidade está recortada em distritos, áreas de circulação rigidamente controladas, sem as devidas fichas de circulação é impossível se deslocar por algumas zonas. A única exceção é o *Centro Esquecido de São Paulo*:

SIGA O VISUAL EM DIREÇÃO AO CENTRO ESQUECIDO DE SÃO PAULO

Na década de oitenta, uma comissão do patrimônio histórico evitou a derrubada dos velhos prédios do centro de São Paulo. Tinham sido comprados, ou estavam em vias de, a grandes Conglomerados Construtores que pretendiam levantar arranha-céus. A comissão conseguiu preservar a região, exatamente como ela foi entre as décadas de quarenta e setenta. Conjunto de ruas, praças e prédios em decadência, último produto da centralização excessiva, que se esborou a seguir, quando se implantou a Divisão em Bairros a Partir de Classes, Categorias Sociais, Profissões e Hierarquias no Esquema. A região recebeu o nome de Centro Esquecido de São Paulo e foi, por algum tempo, zona turística. Dos raros locais onde se pode circular sem fichas especiais. Ali vale a ficha de qualquer bairro. O problema é passar pelas várias Bocas de Distrito, até se atingir o Centro. O comércio é subdesenvolvido, artesanal, um amontoado de miuçalhas e pechisbeques, imitação de mercados orientais, ao estilo de Jerusalém. Marginais, camelôs, especialistas em mercado negro, falsificadores de fichas, receptadores, se concentram por ali. Não são perseguidos pelos Civiltares, porque estes marginais, camelôs falsificadores e receptadores são Civiltares disfarçados. Realizam o negócio ilícito e, em seguida, prendem o contraventor. Às vezes, são presos, porque os contraventores não passam de Agentes Naturalmente Desconfiados. Disfarçados.²²

O *Centro esquecido de São Paulo* é uma lembrança de antes das transformações que causaram a fragmentação em zonas de circulação, limitadas pelos *Círculos oficiais permitidos*²³ sucedidos pelos *Acampamentos Paupérrimos*²⁴. A cidade de *Não verás* é um ambiente hostil, que restringe as pessoas, normalmente fechadas em trajetos duramente vigiados, suas margens são proibidas, mencionar os *Acampamentos paupérrimos* pode levar ao *Isolamento*, que é uma espécie de exílio fora dos limites da cidade. O *Isolamento* é citado várias vezes no texto, mas não é explicado, passando a idéia de lugar de esquecimento, fora das margens da realidade, e da “segurança” do *Esquema*.

Cada um recebe sua ficha e está autorizado a penetrar em área determinada. As Bocas de Distrito controlam o tráfego. Só entra na região quem tiver a

ficha correspondente. Deste modo foi possível diminuir o fluxo. Mesmo assim, as filas nas calçadas tiveram de ser organizadas.²⁵

A cidade é formada por um conjunto imenso de prédios, todos parecidos como nos diz Souza ao encontrar Tadeu: “Era um hall igual, porém não era o meu prédio. Também, são todos semelhantes. Uniformes. Feitos com uma só planta. Arquitetura econômica dos Abertos Oitenta.”²⁶ A uniformidade dos prédios faz com que eles funcionem como uma barreira para o sol, e acabem retendo a neblina e o mormaço.

São Paulo só sai do enredo quando Souza é levado a *reservinha* por Tadeu, como símbolo de esperança e de continuidade da natureza, ela fica fora do ambiente hostil da cidade. O outro momento em que a cidade deixa de ser elemento fundamental no enredo é quando os personagens são levados para as *Marquises Extensas*, mas aí está a conclusão da decadência urbana, a aglomeração onde não sobra chão e as pessoas ficam imprensadas umas as outras, sem nenhum espaço físico, aglomeradas a espera de um desfecho.

Só que a cidade de *Não verás*, não é hegemônica, existem os grupos privilegiados, os que se *Locupletaram*²⁷, os que vivem nas *Cúpulas Geodésicas*²⁸ e nos *bairros da redoma*²⁹, territórios sempre muito vigiados, nos quais as pessoas não saem, mas que funcionam como barreira entre os que fazem parte do *Esquema* e os que acabaram como vítimas das transformações que levaram o país ao caos. Loyola constrói uma representação de cidade dividida, mal planejada, mal gerida em crescimento desordenado, criando assim uma sátira das cidades brasileiras, marcadas por congestionamentos, violência e divisões sociais.

Entendemos distopia como uma obra que ridiculariza e crítica discursos utópicos, a partir disso analisamos que *Não verás país nenhum* é uma narrativa constituída sobre a degradação do espaço brasileiro, focado em São Paulo, cidade onde se passam os eventos, onde a natureza está destruída e estéril, os homens cortaram todas as árvores e transformaram a floresta Amazônica em um deserto, os rios estão secos e o calor massacra os indivíduos. Entendemos as distopias como produto do mal-estar provocado pela necessidade de crítica ao mundo moderno e seus ufanismos, no caso da obra de Loyola o Brasil foi o palco fértil por ser rico em demagogias, ser eternamente o país do futuro, e ser controlado por regimes políticos absurdos, onde a população, em geral, contesta muito pouco.

REFERÊNCIAS

AUSTER, Paul. **No país das últimas coisas**. Trad. de Luiz Araujo. São Paulo: Best Seller, 1987.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés/Ana Maria L. Ioriatti. Companhia das Letras, São Paulo, 1986. Pág. 15.

BILAC, Olavo. **Poesias Infantis**. RJ: Francisco Alves. 1929. Disponível em <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaio/LiteraturaInfantil/Poesias%20Infantis/Pi52.htm>

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**, São Paulo. Globo, 2011.

BRANDÃO, I. Loyola. **Não verás país nenhum**. 4. ed. Rio de Janeiro: Codercy, 1982.

BRANDÃO, I. Loyola; **Zero**. São Paulo: Global.1987.

CHAUÍ, Marilena. **Notas sobre utopia**. *Cienc. Cult.*, Jul 2008, vol.60, no.spe1, p.7-12. ISSN 0009-6725. Disponível em:

http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S000967252008000500003&script=sci_arttext . Acessado em 17 de setembro de 2011.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**. Verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HERMAN, Arthur. **A ideia de decadência na história ocidental**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. 2 ed. São Paulo: Globo, 2001.

MCCARTHY, Comarc, **A Estrada**. Tradução Adriana Lisboa. Alfaguara, 2007.

MORUS, Tomás, **A utopia**; tradução de Paulo Neves – Porto Alegre:L&PM,2011.

NUNES, J. M. de Sousa. **Distopia**. Disponível em http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=759&Itemid=2 . Acessado em 13/02/2012. 44

SALLES, C. A. **A planta da cidade: uma leitura genética de Não verás país nenhum**. *Cadernos de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 11 (Ignácio de Loyola Brandão), p. 136-142, 2001.

SALLES, Cecília Almeida. **O processo de criação de Não verás País nenhum**. REEL, Vitória.si, a. 5, n. 5, 2009.

SALLES, Cecilia A. **“Criação em processo: Ignácio de Loyola Brandão e Não verás país nenhum”**. Tese de doutorado. PUC/ SP, 1990.

ORWELL, George. **1984**. Tradução: Wilson Veloso. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

¹ BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Zero*. 7. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

² *Não verás país nenhum* permaneceu por 35 semanas na lista dos mais vendidos da revista Veja, de 6/01/1982 até 15/09/1982. O livro também recebeu o prêmio IILA como melhor livro latino-americano publicado na Itália em 1983.

³ SALLES, C. A. A planta da cidade: uma leitura genética de *Não verás país nenhum*. *Cadernos de Literatura Brasileira*, São Paulo, n. 11 (Ignácio de Loyola Brandão), p. 136-142, 2001. SALLES, Cecília Almeida. O processo de criação de *Não verás País nenhum*. REEL, Vitória. si, a. 5, n. 5, 2009. MOURA, Sérgio Arruda. O lugar das letras: a literatura e a paratopia do autor. *Revista contemporânea*. N7. 2006.2 FIGUEIREDO, Carolina Dantas de. *Da utopia à Distopia: política e liberdade*. Disponível em <http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano2-Volume1/literatura-artigos/Da-Utopia-a-Distopia_Carolina-Figueiredo.pdf>. Acessado em 20 de agosto de 2010.

⁴ BILAC, Olavo. *Poesias Infantis*. RJ: Francisco Alves. 1929.

⁵

⁶ BRANDÃO, I. Loyola. ***Não verás país nenhum***. 4. ed. Rio de Janeiro: Coderci, 1982. P. 8

⁷ Thomas More (Londres, 1478 - 1535) foi homem de estado, diplomata, escritor, delgado de Londres, advogado e homem de leis, ocupou vários cargos públicos. É geralmente considerado como um dos grandes humanistas do Renascimento. Foi canonizado como santo da Igreja Católica em 1935.

⁸ MORE, Thomas. *Utopia* / Tradução Paulo Neves – Porto Alegre L&PM, 2011.

⁹ *Brave new world*, publicado em 1932, o livro de Aldous Huxley possui uma ficção científica futurista que aborda temas como Clonagem, Sociedade de castas e condicionamento social.

¹⁰ *Revolução dos bichos*, fábula de George Orwell, publicado em 1945, conta como os bichos, explorados pelos humanos, se revoltaram e fizeram uma revolução, que coloca os porcos no poder, com o passar do enredo descobre-se que a estrutura de governo só beneficiava os porcos. O livro é uma sátira a URSS stalinista.

¹¹ 1984, livro de George Orwell escrito em 1948, e publicado em 1949, conta a história de Winston Smith, operário que vive em uma sociedade coletivista e opressora vigiada pelo Grande Irmão, em um futuro distópico, onde a história é constantemente manipulada.

¹² *Farhenheit 451*, livro de Ray Bradbury, publicado em 1953, onde no futuro os livros serão proibidos e os bombeiros serão usados para queimar as coleções particulares.

¹³ *País das ultimas coisas*. Livro de Paul Auster publicado em 1987, mostra uma cidade distópica, que assim como *Não verás* possui diversos níveis de decadência. A cidade não é identificada, seus habitantes são regidos por um governo autoritário e ausente.

¹⁶ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés/Ana Maria L. Ioriatti. Companhia das Letras, São Paulo, 1986. Pág. 15.

¹⁷ SALLES, Cecília Almeida. *A planta da cidade: uma leitura genética de Não verás país nenhum*. IN: *Cadernos de literatura brasileira*. 1ed. 2001. Pág 136-154.

¹⁸ BRANDÃO, 1982, P. 11.

¹⁹ IDEM, P.12.

²⁰ IDEM, P. 121

²¹ IDEM, P. 35.

²² IDEM, P. 33.

²³ IDEM, P. 11.

²⁴ IDEM, P. 11.

²⁵ Pág. 36.

²⁶ Pág. 96.

²⁷ Pág. 30.

²⁸ Pág. 187.

²⁹ Pág. 205

